

Greg WOOLF

Tales of the Barbarians. Ethnography and Empire in the Roman West.

Chichester: Wiley-Blackwell, 2011, 170 p.

ISBN 9781405160735.

Greg Woolf, atual catedrático de História Antiga da Universidade de Saint Andrews, na Escócia, apresenta uma trajetória *sui generis*: estudou em Cambridge sob a orientação de Ian Hodder, o grande arqueólogo renovador da disciplina, e com Peter Garnsey, seguidor do historiador Moses Finley, acérrimo adversário da Arqueologia. Esteve na Unicamp em fevereiro de 2011, para um curso de pós-graduação e pesquisas conjuntas, dos quais participaram professores e alunos de diversas universidades brasileiras, como USP, UFRJ, UNIRIO, UNESP, UEL, UNIFAL, UFBA, UNIFESP, entre outras, em programa organizado pela Unicamp em cooperação com a UFPR.¹ Woolf constitui autoridade máxima não apenas no estudo do mundo romano, como, ainda mais, mostra-se um estudioso atento às inquietações do nosso tempo, como atesta este livro recém-lançado sobre os bárbaros no imaginário romano.

O volume resulta de suas leituras tanto da literatura sobre o mundo antigo quanto, não em menor medida, a respeito dos contatos culturais da nossa época, daquilo que os estudiosos da modernidade costumam chamar de *middle ground* ou zona de contato cultural. Em toda a obra, aparecem entretecidos aspectos atuais, ou da colonização e imperialismo modernos, e a Antiguidade greco-romana. O primeiro dos quatro capítulos está dedicado, assim, ao *middle ground*, e começa com Joseph Conrad e o seu *Coração das Trevas*, em uma citação do Salmo 74: impos-

¹ Cf. <http://www.unicamp.br/unicamp/divulgacao/2011/02/24/greg-woolf-elogia-enfase-dada-pelos-pos-graduandos-do-ifch-a-revisao-critica>.

sível ser mais explícito na mescla de passado com presente. Não por acaso tampouco, o pré-historiador Chris Gosden aparece, ainda *in primis*, com o conceito moderno, travestido de antigo, de *terra nullius* (terra de ninguém), apanágio da colonização moderna (transposta pelos modernos, como se fosse possível, para a Antiguidade).

O volume é um modelo de narrativa: conciso, bem argumentado, documentado na justa medida, um repto à sobriedade. A construção é, do início ao fim, baseada na sucessão de citações e comentários em torno de um argumento. Mesclam-se arqueólogos, filólogos, historiadores, filósofos, mas também antropólogos, pré-historiadores e, por que não, semióticos, como Umberto Eco, já à página 11. Mas em meio a tantas citações, qual o argumento central? Talvez pudesse ser *middle ground*, conceito cunhado por Richard White no início da década de 1990, para entender a região dos Grandes Lagos na América do Norte, entre meados do século XVII e o início do século XIX (p. 16). O mundo antigo, portanto, à luz de uma inquietação moderna: o contato cultural.

Em seguida, mas não menos importante, conceitos-chave encontram-se em pluralismo (*plurality*), diversidade e alteridade (ou reconhecimento do outro). Os bárbaros apresentavam-se no imaginário greco-romano em vestes contraditórias, às vezes heroicos e puros, às vezes selvagens e violentos, outras tantas, nem isso nem aquilo. Sempre iconoclasta, Woolf não hesita em nomear a obra etnográfica de Heródoto, o pai da História, como *Pesquisas* (*Researches*, tradução literal do termo grego *historiai*). Tampouco se furta a observar que os antigos se desinteressaram pelo desenvolvimento de uma ciência universal, do tipo moderno (*pace* Finley). Quem poderá negar? Não menos importante é a questão do poder, do império. As assimetrias estão no cerne dos contatos culturais e de suas aporias e desafios: o centro não vive sem a periferia, o império sem os miseráveis, Roma sem os bárbaros, assim como os ricos sem os pobres. Woolf argumenta, de maneira muito persuasiva, que o mundo era visto de uma biblioteca – como, claro, hoje é visto de outra vasta biblioteca, a rede mundial. O melhor lugar para descrever o que acontece nos rincões mais recuados é a sua sala de leitura (seja na biblioteca de Alexandria, Roma, ou em sua casa).

O capítulo conclusivo é premonitório, se assim se pode dizer, ao intitular-se *Ficções duradouras?*. As etnografias servem a muitos propósitos: para conhecer o outro, para conhecermos a nós mesmos. Em certo sentido, é um circunlóquio sobre o tema

gnosthi seautoun (conhece-te a ti mesmo) do Templo de Delfos, mas de toda a filosofia antiga e moderna. A disjunção entre o conhecer suas limitações como mortal (à diferença dos deuses) e o moderno conhecimento do seu eu interior não esmorece a relevância da busca pelo sentido. O belo volume de Woolf conclui com uma questão profunda: seria maravilhoso ouvirmos as vozes dos provinciais. Não as temos e, por mais que nos esforcemos, não as podemos escutar (palavras conclusivas do volume). Mas podemos admirar o esforço de Greg Woolf.

PEDRO PAULO A. FUNARI

Professor titular do Departamento de História da Unicamp.